

**Considerações sobre as três
vidas de Nilza Vieira**

Lembrar que os homens [e as mulheres] de outrora tinham um futuro aberto e que deixaram atrás deles sonhos não realizados, projetos inacabados, esta é a lição que a memória ensina à história.

Paul Ricoeur

Grande parte da pesquisa que subsidiou a escrita deste livro foi desenvolvida diante de um cenário aterrador provocado pela pandemia de covid-19 e embalada por um conjunto de crises socioeconômicas e socioambientais devastadoras. Começo assim minhas considerações finais para registrar que redijo estas linhas sem conseguir me esquivar da ideia de que estávamos tentando sobreviver a um massacre, mais político do que epidemiológico, que já havia ceifado mais de 600 mil vidas brasileiras e continuava a fazer inúmeras vítimas diariamente. Entendo que pode soar pessimista iniciar o encerramento partindo da recordação dessa realidade tão brutal e triste, mas como tentar se esquivar da ideia de que somos sobreviventes em um panorama que não cansa de nos advertir que a vida, a pesquisa, o emprego, a docência, a natureza, a ciência – e tantas outras coisas essenciais para um educador pensar e refletir – permanecem sob forte e constante ameaça?

Lamento não conseguir iniciar este epílogo de outra maneira. Porém, se, reunindo todo o otimismo que existe em mim, eu puder indicar algo que possa quase se parecer com uma contribuição que esse cenário caótico ofereceu para minha investigação, seria a possibilidade de escrever parágrafos, páginas e capítulos sob uma inquietação investigativa cada vez maior. Há muitas pessoas que olham com saudosismo para o passado, idealizando vidas, conjunturas e vitórias que jamais existiram de fato, muito menos para aquelas e aqueles lançados às margens da sociedade.

Todavia, há também quem vislumbre o ontem procurando indícios do hoje (ou seria o contrário?), revolvendo memórias, sentidos, experiências e narrativas para compreender e esperar o presente ao enxergar o que outros sujeitos conseguiram fazer no passado, sob diferentes condições, ora favoráveis, ora adversas. Foi nesse grupo, formado por quem olha a história para tentar se nutrir de forças, coragens, esperanças e argumentos a fim de não sucumbir e desistir, em que me inseri.

Busquei construir, a cada (re)encontro com minha pesquisa, um movimento que se esforçava para agregar significados plurais à pesquisa histórica em curso, de modo que ela não se resumisse ao relato descritivo de ações pretéritas como seu principal produto. Com isso, fui me encontrando com diversas “Nilzas” e me deparando com variadas perspectivas de formação e trabalho docente em cada fonte analisada e triangulada. Muitas surpresas, releituras e descobertas foram sendo construídas enquanto tentava ver pelas lentes teórico-metodológicas como eram os sujeitos e quais foram as práticas de ensino de Ciências em voga de meados dos anos 1950 até o começo da década em que nasci, 1990. Com base na distinção elaborada por Goodson (2015, 2020) entre *estórias* e *história de vida*, acionei as estórias contadas pelos entrevistados e as interpelei de forma problematizada, contextualizada e crítica a partir do cruzamento com outras fontes. Com isso, direcionei-me rumo à construção de interfaces entre a História da Educação e os estudos do Currículo ao mesmo tempo que olhei para a história de vida da professora Nilza.

Ao longo dessa caminhada investigativa, pude, de forma relacional, enxergar Nilza Vieira como um exemplo de alguém que não foi silenciado enquanto indivíduo durante seu período de atuação no magistério, mas que não recebeu atenção ou protagonismo dos estudos biográficos produzidos e elencados pelo campo da Educação em Ciências, que tradicionalmente não têm repercutido as trajetórias daqueles e daquelas que não se enquadram no perfil de docente privilegiado pelas pesquisas: homens, brancos, cientistas e/ou docentes que lecionaram em universidades ou em colégios federais. Contudo, sob outra perspectiva, pode-se afirmar que os saberes e as práticas de ensino forjadas por Nilza permitiram que ela se distinguisse profissionalmente e consolidasse memórias duradouras sobre seu trabalho como professora de Ciências, tornando-se *notável e inesquecível*.

O próprio processo formativo de Nilza Vieira, iniciado na graduação em História Natural pela Universidade do Brasil e enriquecido pelos cursos realizados no Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Estado da Guanabara (CECIGUA), em um momento em que grande parte dos professores secundários não possuía formação especializada em universidades, pode ser lido como um aspecto importante para a singularização de sua trajetória. Seu contato, ao longo dos anos 1950 e 1960, com modelos de formação docente que ainda reverberavam o movimento da educação nova – cuja defesa de estratégias didáticas calcadas na

experimentação foi emblemática para a disciplina escolar Ciências –, configurou alicerces para que ela desenvolvesse atividades que, com o passar dos anos, inspiraram alunos e estagiários a se tornarem *bons* professores. Além disso, seu destaque nas *comunidades disciplinares* às quais se filiou e o bom trânsito em círculos do governo – demonstrado pelo livro didático e guia metodológico aprovado, produzido e divulgado pelo MEC, pelo financiamento do projeto *Criança Ensina Criança* no âmbito do SPEC/PADCT/CAPES (Subprograma Educação Para Ciência/Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e pela participação na elaboração de um programa curricular de Ciências para SME (Secretaria Municipal de Educação) do Rio de Janeiro – são marcas que consideramos para qualificá-la como uma *intelectual*, dentro dos sentidos elaborados por Sirinelli (2003).

Assim, pulsando entre reportagens de jornais, áudios transcritos, fotografias e páginas amareladas de livros didáticos antigos, permanecia vivo o desejo de trabalhar como um detetive que buscava reunir peças de um quebra-cabeça. Por outro lado, a consciência de que nenhuma vida pode ser completamente contada e transposta em palavras, porque existem dimensões das experiências que podem ser apenas sentidas e são intraduzíveis, me dizia que minha pesquisa jamais chegaria, de fato, ao seu fim. Sempre faltaria um detalhe na montagem do jogo, restando uma incompletude, uma dimensão imponderável e inapreensível a ser levada em conta, pois faria parte dele. E esta é a primeira consideração a ser feita: este pesquisador sabe que outros milhares de vieses poderiam ter sido trazidos por/para seu trabalho, mas, ao operar com escolhas, sempre deixamos algumas bonitas possibilidades para trás, enquanto perseguimos a concretização de outras. Isso faz parte da caminhada acadêmica.

Portanto, como possibilidades de investigações futuras envolvendo a história de vida de Nilza Vieira, cabe pontuar que resta construir uma compreensão mais detalhada de suas vivências no mestrado em Educação da UFF (Universidade Federal Fluminense), onde foi orientanda de Nilda Alves e aluna de professores como Regina Leite Garcia e Gaudêncio Frigotto. Essa experiência formativa se tornou importante para que a professora interpretasse e ressignificasse suas práticas, tanto com o ensino de Ciências quanto com a educação ambiental, como foi apontado em alguns momentos.

Ademais, sua vivência como professora de cursos de pós-graduação *lato sensu* na Universidade Salgado de Oliveira, sediada em Niterói, mas que enviava Nilza para ministrar cursos em diferentes partes do Brasil, também merece uma investigação mais detalhada. Válida também seria uma pesquisa sobre as ações de Nilza em um dos Polos de Ciências e Matemática da rede municipal do Rio de Janeiro nos anos 1990, próximo à sua aposentadoria do serviço público. Como o propósito da pesquisa era se debruçar sobre os saberes e práticas pedagógicas desenvolvidos pela docente na disciplina escolar Ciências durante o magistério na Escola Camilo Castelo Branco, uma vez que foram esses elementos e vivências que a tornaram *inesquecível*, essa porção importante e interessante de sua trajetória acabou ficando de fora do escopo.

Não obstante, conforme evidenciado no decorrer dos capítulos, muitos diálogos com tradições, inovações, mudanças e oportunidades foram vividos e forjados pela professora durante suas décadas de magistério na rede pública carioca. Ao me deparar com essas interlocuções, fui conhecendo uma história de vida tão encantadora que se tornou necessário observar os riscos de sua monumentalização. Esforcei-me para permanecer em contínuo alerta, de modo que o trabalho biográfico não se convertesse em uma hagiografia de Nilza Vieira. Nesse bojo, trouxemos as disputas, as contradições, as potencialidades e as hesitações em torno da figura de Nilza e das perspectivas de ensino de Ciências que ela representava, sem apresentá-la como vítima ou mitificá-la. Todavia, dessa preocupação decorre a segunda consideração: mesmo diante de meu compromisso com a historiografia, não posso ser ingênuo de pensar que esta pesquisa também não contribuirá para que, em algum grau, Nilza Vieira se consolide como uma *professora inesquecível*, uma vez que o texto registra e sedimenta algumas memórias sobre sua trajetória formativa e profissional.

Aliás, muitos professores podem ter conduzido suas trajetórias se baliando por ideários bem semelhantes aos de Nilza e isso suscita algumas perguntas que serviram de impulso à investigação: o que fez com que ela se destacasse? Por que essa docente teve mais visibilidade do que outros? A trajetória de Nilza foi singularizada por causa da docência? Ou cada trajetória é singular e isso configurou suas singularidades, tornando sua docência também singular? Sem respostas óbvias, simples ou genéricas, essas questões, matizadas pelas fontes e problematizadas ao longo da pesquisa, foram essenciais para que eu defenda que Nilza Vieira, mais do

que alguém que soube construir memórias e estabilizar representações de si como dignas de uma professora que se pretendia *inesquecível* ou *notável*, destacou-se por ser docente da escola pública – atravessada pelas dimensões do que era ser mulher, mãe e viúva à época. Além disso, foi capaz de realizar um trabalho de proposição e disputa intelectual dos currículos da disciplina escolar Ciências, ocupando um espaço simbólico que até então era majoritariamente reservado a homens que circulavam pelos meios universitários e de pesquisa, notadamente cientistas.

Assim sendo, no início da investigação, as muitas memórias em torno das práticas de ensino de Ciências propostas por Nilza convocavam minha atenção. Porém, partindo de análises e problematizações, passei a compreendê-las como reflexos do engajamento e da mediação cultural de uma professora que transitou pelo interior de diferentes *comunidades disciplinares*, buscando tecer redes de sociabilidade, enquanto se apropriava, produzia, disseminava e disputava saberes e práticas docentes que poderiam se legitimar a cada contexto histórico. Tendo em vista uma afirmação feita por Nilza – registrada em um documento de 6 de agosto de 1984 preservado no acervo de Tânia Goldbach –, na qual a professora reconhecia a proposta curricular de *O aprendiz da vida* como sendo um legado fruto de suas “três vidas” (Vieira, N., 1984), permito-me, como última consideração, entender sua trajetória como passível de ser esquematicamente dividida em três fases:

- a professora de Ciências que não apenas utilizava métodos prestigiados pelo Movimento de Renovação do Ensino de Ciências, mas também os ressignificava e propunha novas formas de se lecionar;
- a ambientalista que reinventou tradições de ensino naturalísticas para propor ações de educação ambiental a partir de conhecimentos sobre ecologia e evolução no momento em que as discussões sobre a conservação da natureza e seus desdobramentos socioambientais começavam a se fortalecer no país e clamavam mais atenção da sociedade;
- a curricularista que foi coautora de um livro didático e de seu guia metodológico, pensou aspectos para a formação docente em Ciências e Biologia e elaborou prescrições curriculares, vertentes mais intensas de sua atividade como intelectual,

visando garantir a continuidade de seus esforços didáticos, investimentos pedagógicos e pensamentos educacionais.

Essas divisões não devem ser entendidas de forma cronologicamente hermética, por isso não delimito anos ou períodos aqui, sob risco de artificialmente compartimentalizar os saberes, as práticas e as experiências da professora que foram se transformando ao longo do tempo. Não podemos afirmar que Nilza permaneceu seguidora fiel de uma ou outra corrente pedagógica. Por outro lado, é perceptível que ela também recuperava e preservava elementos que considerava interessantes de certas vertentes, mesmo que tenha permanecido atenta às mudanças dos contextos educacionais e se empenhado para responder às chegadas de novas tendências educativas.

Por isso, não resumimos nosso trabalho de investigação biográfica a um esforço de escrita linear e encadeada sobre a vida da professora. Assim como Dubar (2005), compreendemos que as identidades não são estanques, mas construídas de modo contínuo e processual. Elas são forjadas também a partir da inserção dos sujeitos em tramas sociais, e o desenrolar dos processos identitários se dá de modo fluído e ao longo de toda a vida.

Contudo, podemos ressaltar que um aspecto permanentemente presente e facilmente identificável na trajetória de Nilza Vieira é aquilo que Goodson (2015) denomina de *ecologia do compromisso*. Ao mobilizar as histórias de vida de profissionais tais como professores e enfermeiros, Goodson (2015, 2019) debate que existem sujeitos que constroem suas carreiras apoiados em um senso de missão pessoal que acompanha intrinsecamente o desenvolvimento profissional. Tal compreensão aproxima-se do que Dubet (2006) chama de *trabalho sobre o outro*.

Com isso, esses profissionais tendem a investir muito tempo e bastante energia em suas atividades laborais, inclusive interligando-as a outros setores de suas vidas. Ou seja, se, por um lado, podemos dizer que os focos da docência de Nilza foram gradualmente se alterando, por outro, o seu compromisso com a docência manteve-se alto e foi o mote para a produção de práticas que contribuíram para torná-la uma *professora inesquecível* (Lopes, 2016). Pensando nas definições de *intelectual* propostas por Sirinelli (2003), dependendo das circunstâncias e das relações envolvidas, a docente dinamicamente se aproximava mais de um perfil do que de outro, sem poder ser enquadrada somente em um ou em outro.

Ou seja, mediação cultural e engajamento estiveram presentes de forma combinada e constante em sua trajetória, embora o cenário no qual a docente estivesse inserida acabasse por condicionar maior ou menor grau de um ou outro.

Assim, a professora não deixou que muitas de suas apostas morressem, ao mesmo tempo que, sendo um sujeito de seu tempo, pôde vivê-lo e soube aproveitá-lo. Com isso, entendia a quais demandas precisava atender para continuar defendendo elementos do que compreendia como sendo o melhor para ensinar Ciências, mesmo que sua postura e sua participação ativas em debates educacionais implicasse em embates e conflitos.